

O Atentado à Embaixada Britânica em Roma, 1946: Um Ato Audacioso de Violência Política

Em 31 de outubro de 1946, uma explosão devastadora abalou a Embaixada Britânica em Porta Pia, Roma, marcando uma escalada significativa na campanha de violência política conduzida pelo Irgun Zvai Leumi, um grupo paramilitar sionista revisionista. Este ataque terrorista, o primeiro do gênero realizado pelo Irgun contra pessoal britânico em solo europeu, destacou a determinação do grupo em desafiar as políticas britânicas que restringiam a imigração judaica para o Mandato da Palestina. O atentado feriu duas pessoas, causou danos irreparáveis à ala residencial da embaixada e enviou ondas de choque pela comunidade internacional, evidenciando o alcance global da luta judaica palestina.

Contexto: O Irgun e a Luta pela Palestina

O Irgun, liderado por Menachem Begin, era uma organização militante comprometida em estabelecer um estado judaico na Palestina. Formado na década de 1930, separou-se da mais moderada Haganah, defendendo a resistência armada contra o domínio britânico. O Livro Branco Britânico de 1939, que limitava severamente a imigração judaica para a Palestina, foi um ponto de inflexão para o Irgun, especialmente à luz das notícias do Holocausto, que destacavam a necessidade urgente de uma pátria judaica. A partir de 1944, sob a liderança de Begin, o Irgun retomou sua campanha de violência, mirando instalações britânicas para forçar uma mudança de política.

A Embaixada Britânica em Roma foi escolhida como alvo porque o Irgun acreditava que era um centro de “intrigas antijudaicas”, obstruindo a imigração judaica ilegal (Aliyah Bet) para a Palestina. Naquela época, milhares de refugiados judeus, muitos deles sobreviventes do Holocausto, estavam alojados em campos de deslocados por toda a Europa, incluindo a Itália, onde o Irgun encontrou terreno fértil para recrutamento.

O Ataque: Planejamento e Execução

O atentado foi meticulosamente planejado pelos operativos do Irgun, que estabeleceram uma rede na Itália com o apoio de grupos de resistência antifascista locais e membros do movimento juvenil Betar, uma organização sionista revisionista. Em março de 1946, membros do Irgun, incluindo refugiados como Dov Gurwitz e Tiburzio Deitel, estabeleceram um escritório de fachada na Via Sicilia, em Roma, próximo aos escritórios de inteligência dos Aliados, para coordenar operações. Duas escolas de treinamento de comandos também foram criadas em Tricase e Ladispoli para preparar recrutas para missões de sabotagem.

Na noite de 31 de outubro de 1946, os operativos do Irgun dividiram-se em dois esquadrões. Um grupo pintou uma grande suástica na parede do Consulado Britânico, um ato provocador destinado a equiparar as políticas britânicas à opressão nazista. O segundo esquadrão colocou duas malas contendo 40 quilos de TNT, equipadas com temporizadores, nos degraus da entrada principal da embaixada na Via XX Settembre. Um motorista notou as malas suspeitas e entrou no prédio para relatá-las, mas os explosivos detonaram antes que qualquer ação pudesse ser tomada, causando destruição significativa. A seção residencial da embaixada foi destruída além de reparos, mas, felizmente, apenas duas pessoas ficaram feridas. O embaixador Noel Charles, um alvo principal, estava de licença, escapando do ataque.

Consequências: Investigações e Prisões

O ataque foi rapidamente atribuído a militantes estrangeiros do Mandato da Palestina. Sob pressão do governo britânico, a polícia italiana, os Carabinieri e as forças aliadas lançaram uma repressão, visando membros do Betar e refugiados judeus suspeitos de ligações com o Irgun. Três suspeitos foram presos pouco após o atentado, seguidos por mais dois em 4 de novembro. Em dezembro, um avanço significativo ocorreu com a descoberta de uma escola de sabotagem do Irgun em Roma, onde as autoridades apreenderam pistolas, munições, granadas de mão e materiais de treinamento. Entre os presos estavam Dov Gurwitz, Tiburzio Deitel, Michael Braun, David Viten e um operativo importante, Tavin.

Um preso notável, Israel (Ze'ev) Epstein, amigo de infância de Menachem Begin, tentou escapar da custódia em 27 de dezembro de 1946, mas foi baleado durante a tentativa. Os britânicos solicitaram que os suspeitos fossem extraditados para campos de prisioneiros na Eritreia, mas nem todos foram transferidos. Até dezembro de 1946, cinco dos oito presos foram libertados, com esperanças expressas pela American League for a Free Palestine para a libertação dos prisioneiros restantes.

As autoridades italianas, inicialmente perplexas, também exploraram teorias alternativas. Alguns jornais italianos especularam sobre "terroristas sionistas", uma alegação veementemente negada pelo Dr. Umberto Nachon da Agência Judaica na Itália, que argumentou que os judeus não tinham motivo para tal ato e que os britânicos tinham muitos inimigos globais. Registros de arquivo de 1948 revelaram posteriormente suspeitas de envolvimento do Partido Comunista Italiano, embora não houvesse evidências conclusivas para apoiar essa teoria.

Impacto e Legado

O atentado teve consequências de longo alcance. Confirmou os temores, expressos por David Petrie da MI5 em maio de 1946, de que o terrorismo judaico se expandiria além da Palestina. O ataque humilhou os britânicos, levando a Itália a impor controles de imigração mais rigorosos e um prazo de registro para refugiados até 31 de março de 1947. As operações do Irgun na Itália foram interrompidas, forçando-os a se mudar para outras capitais europeias, onde continuaram os ataques, como o atentado ao Hotel Sacher em Viena, um quartel-general militar britânico.

O atentado também tensionou as relações anglo-italianas e alimentou sentimentos antisemitas no Reino Unido, enquanto a opinião pública lidava com a audácia do ataque. Líderes da Agência Judaica condenaram o atentado, distanciando-se das táticas do Irgun, mas o incidente destacou a natureza fragmentada dos movimentos de resistência judaica. O historiador italiano Furio Biagini argumentou posteriormente que as ações audaciosas do Irgun, juntamente com as de Lehi e Haganah, contribuíram para a retirada final da Grã-Bretanha da Palestina em 1948, complementando os esforços diplomáticos da Agência Judaica.

As cicatrizes físicas do ataque permaneceram. O prédio da embaixada, comprado pelos britânicos no século XIX, foi tão gravemente danificado que foi substituído por uma nova estrutura, projetada por Sir Basil Spence e inaugurada em 1971. O governo italiano forneceu acomodações temporárias para o pessoal da embaixada na antiga residência da princesa russa Zinaida Volkonskaya em San Giovanni, que a Grã-Bretanha adquiriu formalmente em 1951.

Conclusão

O atentado à Embaixada Britânica em Roma em 1946 foi um momento crucial na campanha do Irgun contra as políticas coloniais britânicas. Demonstrou a capacidade do grupo de projetar poder além da Palestina, explorando o caos da Europa pós-guerra para avançar seus objetivos. Embora o ataque tenha alcançado sucesso imediato limitado, amplificou a causa sionista no cenário mundial, contribuindo para as pressões que levaram à criação de Israel em 1948. No entanto, também destacou as complexidades morais e estratégicas da violência política, deixando um legado controverso que continua a gerar debates entre historiadores e formuladores de políticas.